

O conceito de identidade¹

Luiz Felipe Baêta Neves*

RESUMO

A partir da visão crítica do pensamento do escritor e diplomata Sérgio Paulo Rouanet, faz-se uma articulação entre cultura global e cultura universal para mostrar que, se uma tal dicotomia existe, isso não elimina a identidade e a singularidade culturais como formas de contraposição à uniformidade global. A globalização acrescenta um dado novo: a identidade universal.

Palavras-chave: cultura global; cultura universal; identidade universal.

SUMMARY

From the critical point of view from the writer and diplomat Sérgio Paulo Rouanet, it is made an articulation between global culture and universal culture to show that, if such dichotomy exists, it can not eliminate the identity and cultural singularities as ways of the counterpart to the global uniformity. The globalization adds a new data: the universal identity.

Keywords: global culture; universal culture; universal identity.

RESUMEN

Desde la visión crítica del pensamiento del escritor y diplomático Sérgio Paulo Rouanet, se hace una articulación entre cultura global y cultura universal para mostrar que, si una dicotomía tal existe, eso no elimina la identidad y singularidad culturales como formas de contraposición a la uniformidad global. La globalización añade un dato nuevo a la identidad universal.

Palabras-llave: cultura global; cultura universal; identidad universal.

Em recente artigo publicado no *Jornal do Brasil*, intitulado “Da cultura global à universal”², o escritor e diplomata Sérgio Paulo Rouanet consegue uma façanha: apresentar, com a erudição e clareza de escrita comuns em seus trabalhos, uma interpretação estimulante e singular de temas que parecem beirar a saturação e provocar não mais que tédio e sensação de déjà-vu entre os leitores. Minha intenção, aqui, é a de fazer algumas observações sobre certas propostas de Rouanet.

O artigo tem início por um pastiche (apontado pelo próprio Rouanet) do começo do Manifesto Comunista: “Um espectro assombra o mundo – o espectro da globalização”. Este pastiche seria pertinente porque, diz nosso autor, foi Marx quem melhor definiu o que em nossos dias passamos, desenvoltamente, a chamar de “globalização”. Nas palavras de Marx, neste Manifesto tão bem lembrado por Rouanet, está dito: “A necessidade de escoar seus produtos num espaço cada vez maior leva a burguesia a espalhar-se por todo o planeta. Ela precisa inserir-se em toda parte, construir em toda parte, estabelecer ligações em toda parte. Através da exploração do mercado mundial, a burguesia organizou de modo cosmopolita a produção e o consumo em todos os países (...) As velhas indústrias nacionais foram aniquiladas (...) Elas são substituídas por novas indústrias, que não usam mais matérias-primas locais, mas matérias-primas procedentes das zonas mais remotas e cujos produtos são consumidos não somente no país, mas em todas as partes do mundo (...) Em lugar da auto-suficiência e do isolamento, em nível local e nacional, entra em cena um intercâmbio geral, uma interdependência geral entre as nações.” (Marx, apud Rouanet)

A citação, extensa, justifica-se por algumas razões. A primeira seria a de saudar a relembração de um texto – o Manifesto Comunista – que parece muito pouco lembrado hoje em dia e, muitas vezes, quando a lembrança se dá, é apenas para apontá-lo como irracional, peça de um universo suposto arcaico e superado. Outra razão seria a derivada de um estranho sentimento de que um texto há tanto tempo escrito – e tão longe de nós elaborado – parece tão próximo e familiar a todos nós, hoje. Uma terceira razão seria a bizarra sensação de que tudo que ele aponta é hoje repetido não como uma descrição ou uma crítica da evolução do capitalismo, mas, sim, repetido como uma fria “verificação dos fatos tais como inexoravelmente são” ou, mesmo, como um elogio desta situação.

Rouanet, em seguida, leva adiante seu trabalho de reapropriação de objetos tão esquecidos de um texto que nosso inconsciente cultural tende a considerar como consabido. Assim, chama a atenção para o fato de que Marx previu não apenas as origens e a expansão de uma economia burguesa mundial, mas previu ou constatou o surgimento de fenômeno homólogo quanto às questões culturais. Diz Marx: “O que ocorre na produção material ocorre também na produção intelectual. Os produtos intelectuais das diferentes nações se transformam em patrimônio comum. A unilateralidade e a estreiteza nacionais se tornam crescentemente impossíveis, e uma literatura mundial se constitui a partir das várias literaturas nacionais e locais.” (apud Rouanet)

Com argúcia, o escritor brasileiro mostra a ambivalência de Marx, na passagem escolhida. Se é verdade que a literatura corre o risco da mercantilização porque estaria atrelada ao processo de internacio-

nalização do capital, também é verdade que a literatura pode se beneficiar do enfraquecimento de limites nacionais, muitas vezes marcados pela unilateralidade e estreiteza.

Aproximando-se do centro das questões de seu artigo, Rouanet sugere que entendamos “literatura” como “alusão metonímica” à “cultura” e propõe como tese uma “oposição de princípio” entre o que chamaria, a partir de então, de “cultura global” e de “cultura universal”.

Resumindo as características assinaladas para cada uma de tais formações culturais, veríamos que a cultura global está “sujeita à lógica do mercado”, enquanto a cultura universal se constituiria “a partir de processos dialógicos e de interações pessoais”. Os executivos transnacionais são os agentes da cultura global; a universal conheceria espectro mais amplo de agentes: intelectuais, organizações não-governamentais, parlamentos. A cultura global tende a nivelar particularidades, enquanto a universal é pluralista e supõe “o desejo e a capacidade dos sujeitos de defenderem a especificidade de suas formas de vida”. A cultura global é a “união dos conglomerados”, enquanto a universalização cultural é a “união dos povos”, ou seja, dos que tentam criar “espaços transnacionais de comunicação” nas ciências ou nas artes. Para Rouanet, “somos objetos da globalização cultural” e “sujeitos da universalização cultural”.

Dicotomias tão nítidas não induzem Rouanet a uma diabolização da cultura global nem o levam a desconhecer formas de aliança entre uma e outra. Mas nosso autor está especialmente atento aos riscos de globalização cultural, e riscos que ele aponta e quer combater. Assim, “o nacionalismo é uma reação possível às ameaças da cultura global”. Porém, a arma mais poderosa desta luta contra a globalização está em outro âmbito, aquele da cultura universal. Vejamos porque.

Na acepção rouanetiana - de uma vigorosa linhagem racionalista -, a “globalização” encontrará no “universalismo” adversário privilegiado. Não que haja interesse intelectual ou político em uma “vitória final” de um dos contendedores, mas porque universos de ação, digamos “planetários”, são aqueles que têm efetivas condições de força e poder de se digladiar.

Creio que não é necessário lembrar que este tipo de confronto não é usual ou corriqueiro nas conversas, livros e congres-

sos de antropólogos - ao menos aqueles de nossa geração e das mais próximas que nos precederam. Contra a universalidade apenas conseguimos propor o singular ou o particular, na imensa maioria dos casos. E nós nos orgulhávamos - e nos orgulhamos - desse tipo de reivindicação: aquela da complexidade, do observar lento, específico e diferencial como necessária contraposição social, e mesmo política, cultural e moral ao aplastante universo do universal, do global, do planetário.

Para continuar no caminho da respeitosa estranheza que se abateria sobre muitos antropólogos ao lerem o texto de Sérgio Paulo Rouanet, creio que o que se segue pode suscitar deliciosos melindres intelectuais e políticos: “(...) é na perspectiva da cultura universal que precisamos nos situar se quisermos ‘civilizar’ a cultura global, pois nenhuma ação puramente nacional poderá influenciar um processo que se estende por todo planeta”, com o que fica reafirmado o caráter ancilar do nacionalismo em uma batalha que tem dimensões que escapam aos limites do nacional - e que escapam, penso, ao limite de outros territórios tão menores quanto legítimos.

Aproximamo-nos, então do desfecho da argumentação de Rouanet, quando apresenta o cenário possível dessa portentosa guerra de estrela que tanto nos ilumina quanto nos obscurece e amedronta.

Pensa Rouanet, talvez ingenuamente, que: “A mesma evolução tecnológica que viabilizou a globalização da cultura pode ser usada pelos que pretendem universalizá-la”. E, pois, “não há guerra de morte entre globalização cultural e universalização cultural”. Surpreendentemente, para os que esperavam argumentação digamos “maciça” ou “sistêmica” ou “massiva”, o argumento proposto pelo ensaísta se volta para... “pessoas, indivíduos”: “Graças à Internet, podemos antever uma época em que todos os homens possam conversar, por mais distantes que estejam (...)”. A esta proposição logo voltaremos. Antes, vamos apresentar algumas conclusões do eminente ensaísta racionalista. “(...) sem a universalização cultural não teríamos como realizar o sonho mais alto da modernidade: o livre uso da própria razão, sem distorções de qualquer natureza, porque nossa consciência seria falsificada por duas heteronomias, a inculcada pela cultura global e inculcada por nossa própria sociedade. Os dois condicionamentos são infantilizantes, na medida

em que envolvem a internalização de valores e atitudes que não escolhemos livremente”.

A esta dupla coação - da cultura de cada um de nós e da cultura global - se oporia à cultura universal como “derradeiro refúgio da autonomia” e a última possibilidade “(...) de concretizar o ideal kantiano da Mündigkeit, da maioridade, da razão adulta e não-tutelada”. Finalmente, a cultura universal permite visão crítica tanto do globalismo quanto do nacionalismo.

Para uma ação “prospectiva” do universalismo - aberto à expansão da racionalidade humana e da utopia - é bom que não nos esqueçamos do seu “passado”, que nos ofereceria rico observatório de símbolos e memórias certamente úteis para a edificação do futuro.

Proponho algumas observações relativas a possíveis leituras do trabalho de Rouanet em questão.

Quanto a uma visão que reduzisse a cultura universal a “processos dialógicos” e “interações pessoais”, ressalva enriquecedora seria a que dissesse que o universalismo é também composto de tais formas de interação sendo possível, sem maior dificuldade, apresentar outras. Mas o perigo teórico e político maior seria o de imaginar uma espécie de “democracia igualitária” perfeitamente equilibrada em que o diálogo se daria sempre entre “iguais” em poder e saber. Seria igualmente arriscado esquecer que interações pessoais são maneiras de relacionamento marcadas pelas diferentes formas sociais de inserção cultural, não sendo, pois, relações geradas por um “indivíduo individual” fundador de si mesmo e absoluto.

A atenção para esta marca histórico-cultural dos indivíduos deve ser constante na interpretação do texto em pauta porque seu autor ao exemplificar o que chama, significativamente, de “agentes” de uma cultura ou de outra, ele faz por uma espécie de “personificação” de tais agentes: ora “executivos de transacionais”, ora “cientistas”, “artistas” etc. A mesma “personificação” aparece em outros momentos, como na passagem sobre as possibilidades de comunicação interpessoal pela Internet.

Este estilo inclinado à “personificação” de atores sociais não é necessariamente pernicioso. Tem, mesmo, um caráter prazerosamente útil se visto como corajosa alternativa a palavras suntuosas e sínfonas, de suposta grande abrangência ou sofisticação, e palavras que os cientistas

sociais tanto prezam. O perigo estaria, penso, em trivializar tais expressões, dando-lhes um curso auto-evidente ou emprestando-lhes as funestas cores do fundacionismo, filosófico ou psicológico.

Outro ponto a debater: será que a cultura global somente “nivela particularidades” – como tantas vezes ouvimos – ou ela também requer particularidades? (cf. o texto do Manifesto) Como, por exemplo, ocorre na escolha de mão-de-obra mais barata ou no atendimento, ainda que “externo”, a demandas locais tanto econômicas quanto simbólicas, culturais. Na verdade, existe um poderoso imaginário da globalização – tão obedientemente proclamado por seus arautos, dela singularmente excluídos – que afirma a inexorável caminhada rumo à unidade mundial. A questão é bem mais complexa: o que o globalismo reclama é, de fato, uma subordinação de diferenças à idéia de um Bem Único Total.

A esta ideologia da Totalidade poderia se aproximar a suposição de que a expressão “união de conglomerados” prenunciaria a (expressão) “Conglomerado Único Cultural”. O risco, neste caso, seria o de sucumbirmos ao imaginário que nos é repetido, com tanta insistência e presunção, que afirma que o número Um prevalecerá sobre todos os outros. E mais: que esta vitória será pacífica, porque será a vitória da razão, da excelência de gestão, da legítima extinção dos menos aptos (pobre Darwin!). Assim, “união de conglomerados” deve ser lido como “atual união de certos conglomerados em luta com outros conglomerados e com outras formas de articulação econômica e com diferentes formas de oposição social e cultural. Os resultados dessas lutas ainda não são conhecidos em sua totalidade nem há nenhuma ‘teleologia imanente’ que indicasse para uma única e absoluta vitória final”.

A mencionada “união dos povos” promovida por “contatos inter-individuais” aponta para um recente e poderoso exercício possível de liberdade que é aquele oferecido por redes mundiais de informação que dificultam certas formas de tirania. Esta “união dos povos” deve ser vista como imagem abrangente que conteria diferentes formas de constituição de contatos inter-pessoais, inter-institucionais etc., generalizados. Mas não devemos deixar de constatar que tais “novas tecnologias” também ajudam a separar pessoas, grupos, instituições etc. “Separar” aqui

quer dizer simplesmente ter maior poder de discriminar (não valoro a palavra), de reconhecer diferenças conciliáveis ou não, superáveis ou não.

Tais “novas tecnologias” ajudam, pois, também, na formação de múltiplas modalidades de “redes culturais”, muitas vezes instáveis, fortuitas, virtuais, de duração incerta. E com isto se afasta a excessiva conotação solene, formal, consciente-de-si, que poderia se abater sobre a palavra “união”.

Finalmente, a questão da infantilização por inculcamento, por uma imposição irremediável feita aos indivíduos tanto pela cultura global quanto pela cultura das sociedades em que vivem tais indivíduos, é, sem dúvida, central. Na realidade, tal proposição surge de forma muito sucinta, provavelmente pelas limitações que o espaço de um artigo de suplemento literário impõe. Se quisermos complexificá-la, tentando afastar reducionismos excessivos, teríamos que constituir teoricamente as formas pelas quais grupos e pessoas resistem às poderosas forças infantilizadoras que há nas formações culturais designadas. Tais formas de resistência estão tanto no interior da cultura global quanto no das culturas locais. Se não acreditássemos nisto, teríamos que satanizar tais culturas e, em seguida (ou ao mesmo tempo), procurar refúgio em uma cultura universal angélica, Reino do Bem e da Razão e Depósito Transcendente da Salvação Terrena.

Penso que as propostas de Rouanet podem ser um formidável antídoto aos territórios fetichizados da reação das singularidades da antropologia, contrários congenitamente aos designios da “besta-fera” da Hegemonia Cultural. A idéia de uma cultura universal que se contraporá “de igual para igual” à cultura global é fértil e não deve ser apressadamente descartada mesmo pelos encomiastas dos “saberes singulares”.

Assim, a questão da identidade cultural fica novamente relançada. Agora, no jogo das identidades, surge uma poderosa força saudavelmente complicadora, a da identidade universal, que pode ser clarificadora de muitas suposições que todos fazemos – mas que, muitos de nós, negam –, força clarificadora que certamente não esconde sua luz, emanada do Iluminismo. Lancemos luz sobre ela.

Notas

¹ Este texto é resultante de palestra proferida no Congresso Ideologia e Fragmentação na América Latina, promovido pela UFPE e pela FLACSO, realizado em Recife, de 15 a 19/11/1998.

² Caderno Idéias, de 19/11/98, p.5.